

por que ler...

Arrufos, Belmiro de Almeida, 1884.
Museu Nacional de Belas Artes, RJ.

[63]

[ANA PAULA CAVALCANTI SIMIONI]

Mestre e doutora em Sociologia da Cultura pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutora em História da Arte pela Université de Genève (Suíça). Docente de Arte, Literatura e Cultura no Brasil e Sociologia da Moda na Escola de Artes, Ciências e Humanidades (USP). Pesquisadora nas áreas de arte, gênero, cultura e poder.

E-mail: anapcs@usp.br

O Espírito das Roupas de Gilda de Mello e Souza

“

(...) Na sociedade democrática do século XIX, quando os desejos de prestígio se avolumam e crescem as necessidades de distinção e de liderança, a moda encontrará recursos infinitos de torná-los visíveis. Por outro lado, quando a curiosidade sexual se contém sob o puritanismo dos costumes de uma sociedade burguesa, a moda descobrirá meios de, sem ofender a moral reinante, satisfazer um impulso reprimido. Limitando-nos à ligação da moda com a divisão em classes e a divisão sexual da sociedade, acreditamos ter abordado os seus dois aspectos fundamentais¹.

”

Alguns livros, tal como algumas roupas ou obras de arte, já nascem clássicos; é esse o caso de *O espírito das roupas - a moda no século XIX*. Originalmente defendido em 1950, como tese de doutorado em Sociologia na Universidade de São Paulo, com o título *A moda no século XIX - ensaio de sociologia estética*, o trabalho foi publicado no ano seguinte, na *Revista do Museu Paulista*, e permaneceu pouco conhecido até 1987, quando se tornou livro.

Nos anos de 1950, a moda não constituía um objeto comum nos estudos acadêmicos brasileiros, pois era considerada fútil, indigna, "coisa de mulher"². Nesse quadro, o estudo era excepcional, tanto pela originalidade do objeto quanto pela forma adotada pela autora para analisá-lo. Gilda de Mello e Souza partia de uma definição restrita de moda, a das "mudanças periódicas nos estilos de vestimentas e nos demais detalhes da ornamentação pessoal" (1996, p. 42), para empreender análises bastante complexas a respeito das divisões sobre as quais consolidou-se a sociedade burguesa do século XIX: as de classe e as de gênero.

A escolha do século XIX tinha sólidos fundamentos. Como bem demonstra, foi naquele momento que a moda tornou-se um elemento emblemático da modernidade, espalhando-se por todas as camadas sociais, em uma competição aguçada pelos muitos contatos propiciados pela vida metropolitana, suscitando um ritmo vertiginoso de mudanças acarretadas pelos desejos de imitação e distinção entre os grupos. A autora assinala uma questão crucial: a sociedade que proclamou a igualdade dos seres humanos como um valor, paradoxalmente, fomentou o desenvolvimento das distinções pela aparência. Ou seja, o crescimento arrebatador que a moda alcançou a partir do século XIX foi correlato ao desenvolvimento da democracia, que instituiu novas e mais perniciosas formas de distinção:

Assim, a sociedade democrática, que teoricamente oferece a todos as mesmas oportunidades e na qual, segundo Spencer, iria desenvolver-se, pela libertação da moda, o gosto individual, acaba massacrando as elites nos tentáculos da indústria costureira, reforçando o desejo de igualdade da burguesia através da propaganda e atirando fora da competição todo o proletariado. Essa mesma democracia que não estabelece barreiras nítidas entre as classes inventa um novo suplício de Tântalo: permite que as elites usufruam uma moda que a classe média persegue sem jamais alcançar e que os pequenos funcionários e todos os párias sociais espiam nas vitrinas com o olhar sequioso. (1996, p. 141)

Seguindo a tradição de estudos sociológicos de seu tempo, Gilda de Mello e Souza demonstra sua verve simmeliana ao assinalar que a moda tem a importante função de unir e separar os grupos sociais, distinguindo-os entre si. As práticas do vestir tornam-se espécies de fronteiras sociais sutis e efetivas em uma nova ordem, baseada na competição e mérito individual, na qual a instabilidade é condição permanente. As antigas e sólidas hierarquias foram solapadas, e em seu lugar emergiu um novo mundo, no qual a posição individual estava constantemente em construção, contestação ou negociação.

Numa sociedade em que as pessoas se confundem a todo momento nos lugares públicos e os grupos se substituem com extraordinária rapidez, o olhar apurado tem de distinguir a *femme comme il faut* da burguesa, o aristocrata rico do homem rico das finanças, e mesmo a nobreza antiga da nobreza do Império. (1996, p. 137)

Mas o livro não se esgota na análise da moda como um fator de distinção entre classes. Talvez seja mesmo possível afirmar que o ponto mais notável, e que confere, ainda hoje, o frescor e a contemporaneidade da obra, seja o modo com que a autora investiga a moda como um fator de distinção entre os gêneros. Tomando como fontes as fotografias e os romances nacionais realizados no século XIX, Gilda de Mello e Souza assinala o modo com que a diferença entre os sexos foi sendo socialmente construída, tornando-se materialmente perceptível pelas vestimentas. Enquanto os homens despojaram-se das cores e dos ornamentos, optando pela sobriedade dos ternos pretos, as mulheres lançaram-se "numa complicação de rendas, bordados e fitas". As diferenças formais revelam as expectativas sociais diversas que rondavam os corpos sexuados.

A grande recusa masculina só se tornou possível porque para esse grupo as distinções não mais eram exprimíveis por meio de sinais externos, como as roupas, pois o que estava em jogo era o brilho da personalidade individual. Assim, para eles, era a superioridade espiritual que deveria ser provada, e o caminho esperado era o do sucesso no trabalho, a construção de bem-sucedidas carreiras.

Por outro lado, às mulheres de elite eram cerceadas todas as possibilidades de realização profissional, restando como possibilidade de inserção social o casamento, mais que uma carreira, um destino feminino. Nesse ponto, a autora lança mão de uma das mais instigantes interpretações do livro, a de que as duas concepções de vestimentas que orientaram homens e mulheres não eram excludentes, mas bem ao contrário, eram complementares, "são parcelas que se somam na contabilidade astuciosa da ascensão" (1996, p. 83). A imagem do burguês austero encontrava seu complemento perfeito no luxo ostensivo da vestimenta de sua esposa, entre eles ocorria uma "contaminação de prestígios, em que o triunfo da mulher repercute vivamente na posição masculina – e vice-versa" (1996, p. 83). A compreensão da indumentária masculina é, assim, indissociável do desenvolvimento da feminina na medida em que, como o livro nos faz perceber, a moda não apenas reflete as diferenças sociais entre os gêneros, mas também contribui vivamente para sua própria criação. A autora antecipou um ponto nodal das análises feministas contemporâneas ao perceber que homens e mulheres, masculinidades e feminilidades, não são termos fixos e absolutos, mas sim categorias relacionais.

Gilda de Mello e Souza mostra que sim, a moda no século XIX tornou-se um assunto de mulheres. Impedidas de se realizar em praticamente todas as esferas do espírito,

tendo a moda como único meio lícito de expressão, a mulher atirou-se à descoberta de sua individualidade, inquieta, a cada momento insatisfeita, refazendo por si o próprio corpo, aumentando exageradamente os quadris, comprimindo a cintura, violentando o movimento natural dos cabelos. Procurou em si – já que não lhe sobrava outro recurso – a busca do seu ser, a pesquisa atenta de sua alma. (1996, p.100)

[65]

A análise fina e atenta para as distinções de gênero, recusa um certo discurso feminista que percebe a moda simplesmente como opressão e, conseqüentemente, as mulheres como vítimas. Ainda que a feminização da moda tenha sido fruto das assimetrias que a sociedade burguesa promoveu entre homens e mulheres, essas se apoderaram desse campo e o transformaram em um importante espaço de construção de suas personalidades, de realização pessoal. Souberam fazer da moda uma poderosa arma de sedução, bastante útil nas competições por bons matrimônios. Puderam ainda usar das vestimentas e dos acessórios como instrumento de construção de aparências, como meio de esculpirem seus próprios corpos.

Por essas análises inteligentes, sensíveis e atuais, e mais tantas outras presentes no texto e impossíveis de serem refeitas no curto espaço desta resenha, *O espírito das roupas* constitui leitura essencial para todos os que se interessam pela moda como fenômeno histórico e sociológico, particularmente no Brasil. E como se não bastasse o vigor das interpretações, o livro é ainda uma leitura deliciosa, pois a autora era dona de uma redação elegantíssima, dote raro em trabalhos acadêmicos.

NOTAS

[1] SOUZA, Gilda de Mello e. *O Espírito das roupas – a moda no século dezenove*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996, p. 25.

[2] Para uma análise profunda e minuciosa sobre o impacto da obra no universo das Ciências Sociais no Brasil, ler: PONTES, Heloisa "Modas e modos: uma leitura enviesada de *O espírito das roupas*". In: *Cadernos Pagu*, Campinas, nº 22, 2004.